

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16683 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

UM OLHAR SOBRE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES BILÍNGUES DE SURDOS

Luar Fagundes Nunes da Silva - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Madalena Klein - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

UM OLHAR SOBRE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES BILÍNGUES DE SURDOS

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma pesquisa que buscou conhecer, descrever e analisar dois projetos que se configuram como práticas de Educação para a Sexualidade nos espaços escolares, especificamente, em duas escolas bilíngues de surdos do estado do Rio Grande do Sul. Por meio de conversas – estas registradas, transcritas, lidas, analisadas e categorizadas –, foi possível conhecer ambos os projetos. Um deles, impulsionado por um professor de matemática que considera trabalhar as questões de gênero e sexualidade na escola como essencial, seja por meio de projetos, seminários, mas, principalmente, no cotidiano da escola. O outro, impulsionado por três alunos surdos e orientado por uma professora e coordenadora pedagógica da escola, teve como foco principal abordar as questões LGBTQIA+. Ao conversar com o professor de matemática e a coordenadora pedagógica, pessoas fortemente ligadas aos projetos, percebemos temáticas-chave que foram nomeadas enquanto categorias de análise e de reflexão. Foram elas: disparadores do projeto, regularidade das ações, trabalho docente, família/Libras, protagonismo surdo e reverberações dos projetos.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros e sexualidades. Educação para a Sexualidade. Escolas Bilíngues de Surdos. Práticas educativas.

Assim como ocorre na sociedade em geral, as experiências escolares de crianças e adolescentes são atravessadas por lógicas normativas, definições do que é “normal” e “anormal” em termos de ser e expressar-se enquanto seres humanos, refletindo as crenças e valores limitantes e retrógradas que perpetuamos em comunidade. Cidadãos que fogem a esta norma, são alvos de preconceitos, nomeados de acordo com as diferenças que se apresentam. Pessoas que rompem com a lógica heteronormativa, por exemplo, fugindo do que é esperado na produção das masculinidades e feminilidades, podem ser alvo de *bullying* e até mesmo de

crimes como a LGBTfobia.

Outra lógica de opressão que atravessa a sociedade é o racismo, que, por mais que seja atribuído majoritariamente às pessoas negras, também se manifesta contra qualquer raça e/ou etnia, como a população asiática, indígenas, entre outras. Além desses, ainda há o capacitismo, termo utilizado para definir as diversas formas de discriminação contra pessoas com deficiência. Esse preconceito se apresenta, principalmente, na crença que essas pessoas são incompletas e incapazes nas suas vivências.

Estes preconceitos, quando não combatidos, influenciam na maneira de pensar e nos discursos de pessoas que, ao constituírem suas famílias, criam seus filhos através de ideais discriminatórios. Esses filhos, por sua vez, levam esses preconceitos para o espaço escolar, resultando em bullying e/ou preconceitos. Além desse fato, tais preconceitos e crenças limitantes podem surgir na escola através de adultos que compõem a gestão e o corpo docente.

Quando não dialogado e combatido na escola, o preconceito ali habita, refletindo negativamente nas experiências escolares justamente dessas pessoas que pertencem a grupos minorizados, pois sua diferença é diariamente atacada. Assim, o preconceito nas escolas afeta o desenvolvimento psíquico e acadêmico dessas pessoas, prejudicando sua saúde mental, autoestima e confiança, fatores essenciais para um crescimento e desenvolvimento humano saudáveis e permanência na escola.

Além de ser um dado já apresentado por inúmeras pesquisas, esse acontecimento nos faz refletir sobre como práticas de inclusão e de antidiscriminação nas escolas podem ser uma das alternativas no combate aos preconceitos na sociedade. Diante disso, temos um compromisso profissional e ético de defender e levar as questões de gênero e sexualidade para que, nas escolas, ela não seja uma temática negligenciada e esquecida. Por muitas vezes, o tratamento dessas temáticas nas escolas ocorre de maneiras pontuais, por exemplo, nas aulas de Ciências, em palestras para falar sobre métodos contraceptivos, sexo, gravidez na adolescência, drogas, HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), entre outros.

Diante disso, deu-se o início à fusão de temáticas que resultaram nas motivações da pesquisa, questionando como estudantes surdos aprendem sobre gênero e sexualidade. Instigava conhecer o que eles conheciam sobre a temática e quais eram as demandas que as escolas bilíngues de surdos possuíam diante dela. Desse modo, planejamos conhecer como eram compreendidas e vivenciadas as questões ligadas às sexualidades e gêneros pelas pessoas surdas, nas experiências em Escolas Bilíngues de Surdos. Acreditamos que este ponto de partida poderia responder alguma das inquietações ou fazer-nos refletir sobre elas.

O movimento de dialogar sobre as identidades dissidentes e sobre as questões de gêneros e sexualidades nas escolas configura-se como uma ação potente de transformação, possibilitando que aqueles ambientes se tornem espaços menos hostis e mais acolhedores para

alunos e alunas que fazem parte de grupos minorizados, como no caso da pesquisa, pessoas que se compreendem pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

Nossa questão mobilizadora é: Como as práticas de educação para sexualidade incidem na educação bilíngue, na escola de surdos e como elas reverberam nos cotidianos escolares?

Para responder a este problema de pesquisa, definimos o seguinte objetivo geral: compreender de que maneira a educação para a sexualidade incide na educação bilíngue em uma escola de surdos e suas potencialidades para práticas de transformação. No sentido de operacionalizar a investigação, traçamos os seguintes objetivos específicos: a) investigar de que forma a educação para sexualidade está sendo trabalhada na escola; b) descrever as práticas que envolvem a educação para a sexualidade na educação bilíngue de surdos; c) analisar reverberações das práticas de educação para a sexualidade nos/dos/com os cotidianos das escolas de surdos.

Inicialmente, nos aproximamos e dialogamos com duas pessoas, um professor e uma coordenadora pedagógica de duas escolas bilíngues de surdos do Estado do Rio Grande do Sul, que já participam de ações advindas de projetos de pesquisa e extensão realizadas pelo grupo de pesquisa no qual participamos. Essas aproximações nos possibilitaram construir uma abordagem mais próxima e orgânica de pesquisa, uma vez que se tratava de espaços já conhecidos pelas pesquisadoras, o que garantiu dialogar com docentes e gestão da escola sobre o que acontece naqueles espaços.

Reafirmamos nossa postura enquanto pesquisadoras, apontando que desejamos romper com a lógica colonialista e, de certa forma, muitas vezes messiânica diante da escola, em que nos desafiamos a “romper com uma postura tradicional, de inspiração positivista, de que o(a) professor(a) universitário(a) pesquisa e fala sobre o(a) professor(a) da escola básica” (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018, p. 23). Romper com a lógica colonialista ao fazer pesquisa está para além da apenas consciência das possíveis posturas e práticas trazidas pela colonialidade. Está também no reconhecimento destas posturas e na humildade para reformulá-las, repensá-las e não repeti-las. Isso pode e deve se refletir no momento de contatar a escola, marcar os encontros, produzir os dados, analisá-los e falar sobre eles.

Consequência dessas proximidades, tivemos conhecimento da existência de dois projetos sobre práticas de Educação para Sexualidade em duas escolas bilíngues de surdos do Rio Grande do Sul. Dil foi a primeira pessoa com quem conversamos sobre o projeto e ela optou por utilizar um codinome para esta pesquisa. José Francisco foi a segunda pessoa com quem conversamos, que optou por utilizar seu nome verdadeiro. Todas essas negociações foram realizadas e acordadas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado antes do encontro.

No percurso das conversas com Dil e José Francisco, a proximidade anteriormente construída possibilitou uma relação entre colegas, tanto de pesquisa quanto de profissão e tais

relações resultaram em uma produção de dados em que relatavam um ocorrido e compartilhavam saberes no que tange as práticas de Educação para Sexualidade nos espaços de escolas bilíngues de surdos. As conversas com essas pessoas foram potentes para a retomada da ideia de que a pesquisa e o científico na educação relacionam-se com o outro, com sua existência como sujeito e não com um objeto.

Durante o planejamento, a produção de dados, a categorização, a análise e escrita do relatório final de pesquisa, não paramos de pensar em cada pequena ou grande etapa desse trabalho, no compromisso ético na pesquisa em educação. Mais especificamente, na ideia de uma “ética coconstitutiva” aos modos de fazer pesquisa, explanada por Santos (2017). Este autor fala de uma ética que não pertence apenas às metodologias, mas a uma postura permanente enquanto pesquisador/a. Ou seja, para além de uma ética pontual, presente onde se fala de ética e nos caminhos metodológicos, Santos (2017) problematiza que as questões de ordem ética se estabelecem a partir da “perspectiva teórica na qual se está inserido, das perguntas que se fazem, da abordagem escolhida ou dos métodos metodológicos que se escolhem para empreender uma pesquisa” (Santos, 2017, p. 178). O autor acrescenta que tais questões éticas também perpassam a elaboração das análises, a publicação dos dados, a devolução aos participantes da pesquisa como também à sociedade geral.

Em relação à análise dos dados produzidos, ela foi realizada utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2011), pois objetiva analisar o que foi dito em meio a uma investigação, construir e apresentar concepções em torno de um objeto de estudo, nesse caso, os projetos que se caracterizam como práticas de Educação para a Sexualidade. A análise de conteúdo contempla as necessidades de uma pesquisa em que o/a pesquisador/a tem como fonte de dados os processos comunicacionais, em especial, quando voltado à análise qualitativa, que é dividida em três etapas: Pré-análise, Exploração do material, Tratamento dos resultados.

Direcionando o olhar para os projetos desenvolvidos nas escolas, o primeiro ocorreu no ano de 2018 e foi organizado pelo professor de matemática José Francisco, mas, executado não somente por ele, uma vez que houve engajamento de surdos ex-alunos da escola, associação de surdos e direção da escola. Já o projeto desenvolvido na outra escola, no ano de 2023, foi pensado e impulsionado pelos alunos surdos: organizado por eles e orientado por professoras e pela coordenadora pedagógica Dil, pessoa com quem conversei na pesquisa.

Após a realização das conversas, iniciamos as análises do que foi dito dos projetos, organizando-se categorias que possibilitaram refletir e problematizar o que aconteceu nas escolas bilíngues de surdos. Formaram-se as seguintes categorias: disparadores dos projetos, regularidade das ações, Libras, diálogos com familiares, o protagonismo surdo, o trabalho docente e reverberações. Por mais que estejam definidas categorias, os dados não estão fragmentados, separados “cada um em sua categoria”. Muito do que foi dito e que se encaixa em uma categoria, também se encaixa e complementa falas presentes em outras categorias, por exemplo.

Para o presente trabalho vamos de forma breve direcionar o olhar para a categoria “disparadores dos projetos”, entendendo que ela nos ajuda a entender como que no cotidiano das escolas, coisas acontecem (Alves, Garcia, 2000), e o quanto é importante nossos olhares atentos para a potência delas como disparadoras de nossas ações.

A categoria constituição dos projetos definida em razão dos dados descreverem como foi o processo de construção desses projetos, tanto o organizado pelo professor José Francisco, quanto o organizado e coordenado por Dil. José Francisco, o professor de matemática que impulsionou um dos projetos, relatou:

[...] falei para a diretora: eu preciso de uma reunião e nessa reunião, eu gostaria que a direção da associação de surdos também participasse. [...] Eu venho trabalhando as questões de gêneros e sexualidades nas escolas e acho que está na hora dessa escola de surdos fazer um seminário LGBT”. (Excerto José Francisco, Escola Maria)

O professor relata o quanto sua postura profissional, mesmo ministrando aulas de matemática, sempre foi trabalhar de forma interdisciplinar. Militante, sempre considerou essencial abordar certas temáticas dentro da sala de aula. Antes mesmo de atuar na escola de surdos, ele desenvolvia projetos com seus alunos surdos de escolas regulares/de ouvintes, trabalhando essas temáticas, como ele mesmo relata: “*Eu sempre trabalhei essas questões, até mesmo dentro da matemática. Onde eu via uma brecha, um possível disparador, trazia a discussão*”. (Excerto José Francisco, Escola Maria)

Percebemos o quanto essa postura profissional se relaciona com a pessoa militante que José Francisco é, o quanto ele se envolve nas causas da diversidade e nas lutas surdas também. Não podemos afirmar que a escola em que o professor trabalhava não fazia discussões sobre diversidade, questões raciais, gêneros e sexualidades etc., porém, podemos afirmar que promover essas discussões nunca é demais, sempre é necessário.

Ainda com foco na constituição dos projetos, Dil aponta que a motivação do projeto na sua escola não partiu de um/a professor/a. Quem impulsionou a ação foram os próprios estudantes surdos, mais especificamente, dois alunos e uma aluna. Dil explicou, ao iniciar nossa conversa, que para nós entendermos o projeto, precisaríamos entender o contexto da escola de surdos que ela trabalha. Nesse sentido, explicou o contexto daquele espaço escolar, a frequência com que realizam projetos como esse e que isso justificaria, pelo menos um pouco, a proatividade de alunos surdos em propor aquele projeto.

Pensar sobre temas outros quando discutimos sobre educação escolar bilíngue de surdos é reconhecer as dissidências como erupção de outras possibilidades. Resistir não é apenas defender a presença da língua de sinais na escola. Resistir também está no movimento de dissidência, quando vemos e falamos sobre surdos transgêneros, transexuais e travestis,

surdos gays, surdos negros, surdos com tantas outras reivindicações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina L (orgs.). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011,

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen S. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen. (orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, L. H. S. (2017). Por um babelismo ético na educação: reflexões acerca das implicações e possibilidades de se proceder à ética coconstitutiva dos modos de se fazer pesquisa. **Educação**, 40(2), 174–182.